

A *Mimesis* no pensamento de Theodor W. Adorno

PEDRO VILLAR MOTTA *

RESUMO A mimesis (ou mimese) é um dos conceitos centrais do pensamento de Adorno, sendo pensada não apenas no campo da estética, mas, entendida também em um sentido mais amplo que envolve o próprio surgimento da razão. Na *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer abordam a mimesis como uma tendência do sujeito a se dissolver em meio à natureza ambiente. A história da razão é fundada sobre o recalque dessa tendência e pelo progressivo afastamento entre o sujeito idêntico e seu objeto, a natureza. A magia – que busca a manipulação da natureza pela sua imitação – é o primeiro passo no processo de esclarecimento, no qual as coisas se tornam autônomas em relação às suas representações até atingirem sua distância máxima, no pensamento racional, na separação entre sujeito idêntico e objeto. A mimesis incontrolada é proscrita e aparece como um retorno do reprimido; o nazismo a instrumentaliza através do antissemitismo. A mimesis, portanto, aparece em Adorno como um comportamento constitutivo não só da arte, exemplo máximo de expressão do irracional e do não-idêntico sem se deixar capturar pela racionalidade instrumental, mas também de seu próprio pensamento dialético: é apenas pela autorreflexão sobre sua limitação que o pensamento pode chegar a representar negativamente aquilo que de outra forma lhe escapa.

PALAVRAS-CHAVE Adorno, Theodor W.; mimesis; dialética; esclarecimento; teoria crítica

* Mestrando em Filosofia da PUC-Rio, bolsista CNPq.

A NOÇÃO DE MÍMESIS se torna uma das noções principais do pensamento de Adorno a partir da *Dialética do esclarecimento*, escrita em colaboração com Max Horkheimer entre 1941 e 1944¹. Ela também é discutida em *Eclipse da Razão*², livro de Horkheimer baseado em uma série de palestras proferidas na Universidade de Columbia em 1944 com o objetivo de apresentar alguns aspectos de sua obra em comum com Adorno..

O tema já tinha sido pensado por Walter Benjamin em um pequeno texto de 1932 sobre *A capacidade de imaginação*³; Benjamin apresenta a hipótese de que a linguagem teria origem no comportamento mimético. A aptidão do homem a produzir semelhanças e a reagir às semelhanças naturais seria o fundamento das práticas mágicas, que se baseiam em semelhanças não-sensíveis [*unsinnliche Ähnlichkeiten*]. Na linguagem, e especialmente na escrita, são as semelhanças não-sensíveis que ligam as palavras ao seu significado:

(...) a linguagem seria o grau mais elevado do comportamento mimético e o mais perfeito arquivo da semelhança não sensível: um meio no qual são inteiramente transformadas as antigas forças de produção e concepção miméticas, a ponto de liquidar aquelas da magia.⁴

A capacidade mimética teria seguido um trajeto que levou da leitura dos astros e entranhas de animais, passando pelos estágios intermediários das runas e hieróglifos, até chegar à linguagem discursiva e à escrita.

Por sugestão de Benjamin, em 1937 Adorno veio a conhecer o texto do sociólogo francês Roger Caillois sobre *Mimetismo e psicastenia lendária*⁵. Os comportamentos miméticos (assimilação de animais à natureza circundante, camuflagem, imitação) de

1 SILVA, 2005, p. 336.

2 HORKHEIMER, 2015.

3 BENJAMIN, 1971.

4 “Ainsi le langage serait le degré le plus élevé du comportement mimétique et la plus parfaite archive de la ressemblance non sensible: un milieu dans lequel se sont entièrement transformées les anciennes forces de production et de conception mimétique, au point de liquider celles de la magie.” Ibid, p. 52.

5 CAILLOIS, 1987.

algumas espécies de animais são, de acordo com Caillois, não estratégias de sobrevivência, mas um comportamento supérfluo, uma espécie de luxo da natureza, que é muitas vezes fatal para os indivíduos envolvidos. Tal comportamento é associado à psicastenia, distúrbio psicológico no qual o paciente se sente perdido no espaço, dissociado de si mesmo. No mimetismo e na psicastenia, coincidem a despersonalização por ultra-assimilação e a suspensão de limites entre o sujeito e o ambiente. O tratamento materialista e não-simbólico dado por Caillois aos mitos foi elogiado por Adorno em sua correspondência com Benjamin, apesar das censuras feitas à predominância da natureza sobre a cultura – uma crença “criptofascista” da parte de Caillois.⁶

A principal questão da *Dialética do esclarecimento* é elucidar como o conceito de esclarecimento – *Aufklärung*, entendido em um sentido lato como o pensamento racional – não levou ao progresso e à emancipação do homem, mas justamente ao seu contrário, a barbárie. A tese central dos autores é que “O mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia”⁷. A promessa original do esclarecimento era libertar a humanidade do medo frente às forças da natureza: através do uso da razão, o homem poderia dominar a natureza em nome de sua própria autopreservação. Nesse processo, a natureza se reduz a um mero objeto da dominação de um sujeito desprovido de qualidades.

Na formulação de Horkheimer, o impulso mimético, a imitação, é um dos primeiros meios de aprendizagem das crianças, principalmente nos seus primeiros estágios de desenvolvimento pessoal, ainda inconscientes. É apenas nos estágios mais avançados que essa “imitação inconsciente é subordinada à imitação consciente e a métodos racionais de aprendizagem”⁸. O início da civilização está em tais comportamentos miméticos, que depois mudam de figura:

O progresso cultural como um todo, assim como a educação individual, isto é, os processos filogenéticos e ontogenéticos da civilização, consiste em larga medida na conversão de atitudes miméticas em racionais. Da mesma forma que os primitivos devem aprender que podem produzir melhores colheitas tratando o solo propriamente, em vez de praticando magia, também a criança moderna

6 EIDELPES, 2014.

7 ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 15.

8 HORKHEIMER, 2005, p. 128.

deve aprender a refrear seus impulsos miméticos e a direcioná-los a uma finalidade definida.⁹

O mimetismo aparece portanto como o primeiro momento da práxis humana organizada. Segundo Adorno e Horkheimer, os homens primitivos buscavam manipular a natureza através da magia, cujo princípio é a *imitação*: eles buscavam assemelhar-se à natureza através de máscaras e feitiços para se apropriar do seu poder misterioso (o *mana*), usando-o contra a natureza para seus próprios fins de autoconservação. Essa representação mimética da natureza logo se tornou autônoma; a distância entre sujeito e objeto foi se tornando cada vez maior em um processo de abstração e de afirmação do sujeito idêntico que retirava o *mana*, o elemento não-idêntico, da natureza. Posteriormente, na fase mítica, os pensamentos já se tornam autônomos em relação às coisas:

O lugar dos espíritos e demônios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia; o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando. As deidades olímpicas não se identificam mais diretamente aos elementos, mas passam a significá-los.¹⁰

Como a ciência, a magia visa fins, mas ela os persegue pela mimese, não pelo distanciamento progressivo em relação ao objeto. (...) Para substituir as práticas localizadas do curandeiro pela técnica industrial universal foi preciso, primeiro, que os pensamentos se tornassem autônomos em face dos objetos, como ocorre no ego ajustado à realidade.¹¹

O mito é, portanto, o primeiro passo do processo de esclarecimento, fundado na distância progressiva entre homem e natureza, sujeito e objeto, que atingem sua distância máxima no pensamento racional; a aproximação da mimese é substituída pela distância da razão.

Esse processo de alienação não foi apenas em relação à natureza externa, mas também à natureza interna. O mimetismo é descrito também como uma

(...) tendência profundamente arraigada no ser vivo e cuja superação é um sinal de evolução: a *tendência a perder-se em vez de impor-se ativamente no meio ambien-*

9 Ibid, p. 129.

10 Ibid, pp. 20s.

11 Ibid, pp. 22s.

*te, a propensão a se largar, a regredir à natureza. Freud denominou-a pulsão de morte, Caillois le mimétisme.*¹²

A afirmação da subjetividade diante das forças naturais de dissolução foi realizada através da internalização do sacrifício: o preço da dominação da natureza significa a alienação em relação aos próprios instintos e emoções – aquela porção comumente descartada como “irracional”, que é negada e reprimida. Trata-se de uma *mimesis* suplementar: se a primeira significava a dissolução do sujeito em meio à natureza, a segunda se faz sob o signo da afirmação do sujeito que se enrijece contra a natureza, tanto a externa quanto a interna:

*A ratio, que recalca a mimese, não é simplesmente seu contrário. Ela própria é mimese: a mimese do que está morto. O espírito subjetivo que exclui a alma da natureza só domina essa natureza privada da alma imitando sua rigidez e excluindo-se a si mesmo como animista. A imitação se põe a serviço da dominação na medida em que até o homem se transforma em um antropomorfismo para o homem.*¹³

Podemos arriscar dizer que a mimese já é razão, e a razão acaba por reverter à mimese. Essa segunda mimese, racionalizada, exclui, porém, a promessa de felicidade e de entrega presentes na primeira mimese. O próprio homem e seus instintos se tornam objeto de dominação.

Adorno e Horkheimer elaboram o processo de alienação do sujeito autônomo em relação à natureza a partir de uma leitura da Odisseia. As viagens de Ulisses narram a afirmação do ego racional contra a potência dos monstros míticos, que representam o abandono de si, a dissolução, a “assimilação simbiótica mimética com a natureza”¹⁴ às custas do próprio sujeito. A astúcia de Ulisses está em derrotar os mitos se entregando a eles: ele rejeita o sacrifício de si, mas em troca, internaliza o sacrifício sob a forma de renúncia. Frente ao cíclope Polifemo, Ulisses se identifica como Ninguém: ele “renega a própria identidade que o transforma em sujeito e preserva a vida por uma imitação mimética do amorfo”¹⁵; dito de outra forma, ele se reconhece como

12 ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 187.

13 Ibid, p. 55.

14 GAGNEBIN, 2005, p. 86.

15 ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 63.

morto ao renunciar simbolicamente a si mesmo.¹⁶ Na terra dos lotófagos, é preciso renunciar ao prazer de uma vida sem trabalho no estupor narcótico e voltar à nau. Contra Circe, é preciso renunciar à pulsão instintiva do sexo, que transforma os homens em animais, através da entrega regulada por contrato: o matrimônio. Contra o canto das Sereias, promessa do prazer de um passado anterior à obediência e ao trabalho, Ulisses se amarra ao mastro de sua nau: “Os laços com que irrevogavelmente se atou à práxis mantêm ao mesmo tempo as Sereias afastadas da práxis: sua sedução transforma-se, neutralizada num mero objeto de contemplação, em arte”¹⁷: Ulisses só pode escutar, impotente. Os marujos, enquanto isso, estão com os ouvidos tapados, a sensibilidade embotada pelo trabalho: com a divisão social do trabalho, “o servo permanece subjogado no corpo e, na alma, o senhor regride.”¹⁸

A história da civilização não deixa de ser, ao mesmo tempo, a história do recalque da mimese humana: o comportamento mimético original, incontrolado, foi substituído pela sua manipulação organizada mediante a magia. Esta, por sua vez, foi substituída pela práxis racional, pelo trabalho, como a mediação que permite ao homem dominar a natureza.

A educação social e individual reforça nos homens seu comportamento objetivamente enquanto trabalhadores e impede-os de se perderem nas flutuações da natureza ambiente. Toda diversão, todo abandono tem algo de mimetismo. Foi se enrijecendo contra isso que o ego se forjou. É através de sua constituição que se realiza a passagem da mimese refletora para a mimese controlada.¹⁹

No último capítulo da *Dialética do esclarecimento*, a *mímesis* aparece como um elemento-chave para a interpretação dos autores sobre o antissemitismo nazista. A propaganda anti-judaica nazista se foca nas idiossincrasias que distinguem os judeus dos alemães: a fala cantada, as mãos que gesticulam, etc. É o comportamento mimético que explica como

(...) um ser humano adquire sua maneira especial de rir e chorar, de falar e julgar
(...) Isso explica por que, por exemplo, os gestos, as entonações de voz, o grau

16 GAGNEBIN, 2005, p. 87.

17 ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 40.

18 ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 41.

19 Ibid, p. 149.

e tipo de irritabilidade, o modo de andar, em resumo, todas as características supostamente naturais da assim chamada raça humana parecem persistir por hereditariedade muito tempo depois do desaparecimento de suas causas ambientais. As reações e os gestos de um homem de negócios judeu bem-sucedido refletem às vezes a ansiedade sob a qual seus ancestrais viveram; pois os maneirismos de um indivíduo são fruto menos da educação racional do que de vestígios atávicos devidos à tradição mimética.²⁰

A idiossincrasia judaica compõe uma particularidade, em oposição aos traços naturais ou universais – ou seja, aqueles ajustados à lógica racional da utilidade. As idiossincrasias estariam ligadas à proto-história biológica: são impulsos miméticos que respondem diretamente aos sinais de perigo da natureza.

Na idiossincrasia, determinados órgãos escapam de novo ao domínio do sujeito; independentes, obedecem a estímulos biológicos fundamentais. O ego que se apreende em reações como as contrações de pele, dos músculos e dos membros não tem um domínio total delas. Em certos instantes, essas reações efetuam uma assimilação à imóvel natureza ambiente. [...] Quando o humano quer se tornar como a natureza, ele se enrijece contra ela. A proteção pelo susto é uma forma do mimetismo. Essas reações de contração no homem são esquemas arcaicos da autoconservação; a vida paga o tributo de sua sobrevivência assimilando-se ao que é morto.²¹

A mimese controlada, racionalizada, é a única que é permitida sob a civilização esclarecida. Os traços miméticos incontrolados se tornam tabu: são reprimidos, e quando ressurgem, o fazem de forma *inquietante* (*Umheimlich*, como diria Freud): “O que repele por sua estranheza é, na verdade, demasiado familiar.”²² O retorno da mimese banida pelo processo civilizatório provoca a fúria dos civilizados.

Se a renúncia definitiva do impulso mimético não promete levar à realização das potencialidades do homem, esse impulso sempre restará em espera, pronto para irromper como uma força destrutiva. Ou seja, se não há outra norma senão o *status quo*, se toda a esperança de felicidade que a razão pode oferecer é a pre-

20 HORKHEIMER, 2015, pp. 128s.

21 ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 149.

22 Ibid, p. 150.

servação do existente enquanto tal ou até o aumento de sua pressão, o impulso mimético jamais será realmente superado.²³

Os traços idiossincráticos relembram o medo e a mimese duramente reprimidos. O que há de especialmente terrível no nazismo é que ele consegue instrumentalizar a própria mimese reprimida através do abandono de si nas práticas violentas, nas paradas militares uniformizadas: toda a fanfarra nazista, sua disciplina, sua propaganda e seus mitos servem

(...) como imitações de práticas mágicas, a mimese da mimese. (...) O fascismo também é totalitário na medida em que se esforça para colocar diretamente a serviço da dominação a própria rebelião da natureza reprimida contra essa dominação.²⁴

O impulso mimético, no fascismo, é de abandono de si e assimilação à ordem social que serve de sucedâneo da natureza; a repressão é feita em nome do próprio sistema que exige e pereniza a repressão.

Nesse contexto, os judeus são mais do que simples bodes expiatórios: eles são os pioneiros do esclarecimento ao formularem uma religião isenta de traços mágicos. O Deus único, absoluto, puro espírito, retira o *mana* da natureza: ele é inatingível (exceto pelo pensamento). As práticas mágicas, pautadas na imitação que permite a manipulação, perdem sua eficácia, pois não há imagem de Deus a ser manipulada – o judaísmo proíbe a confecção de imagens. Na religião judaica, a distância máxima entre Deus e o mundo reflete a distância entre sujeito e objeto no pensamento racional, e o culto a um Deus que não se pode ver significa uma renúncia instintual: uma ideia abstrata predomina sobre a percepção dos sentidos. O Cristianismo, por sua vez, recupera elementos do sacrifício – Jesus, o cordeiro de Deus que é sacrificado em nome da salvação dos homens – e da magia – o culto às imagens do Cristo, “feiticeiro divinizado”, da Virgem Maria e dos santos.

A *mímesis* é, portanto, um dos conceitos centrais do pensamento de Adorno. No entanto, é próprio de seu pensamento não-sistemático que tal noção não seja explicitada, mas apareça em pontos diferentes ao longo de sua obra. A problemática da *mímesis*

23 HORKHEIMER, 2015, p. 130.

24 Ibid, p. 153.

como o polo oposto à razão, impossível de se representar conceitualmente, aparece ainda em suas duas últimas grandes obras da década de 1960, que tratam dos dois lugares da reconciliação entre sujeito e objeto através da mimese refletida pela linguagem:

A linguagem reflete os anseios dos oprimidos e a condição da natureza: ela libera o impulso mimético. (...) A filosofia auxilia o homem a acalmar seus temores auxiliando a linguagem a realizar sua função mimética genuína, sua missão de espelhar as tendências naturais. A filosofia caminha junto com a arte ao refletir a paixão por meio da linguagem, transferindo-a, assim à esfera da experiência e da memória.²⁵

É na arte e na filosofia, no papel especial da linguagem nesses dois campos, que a mimesis encontra refúgio.

Apesar do pessimismo da *Dialética do Esclarecimento*, Adorno não abre mão do sujeito nem recai no irracionalismo. A meta do complexo antissistema filosófico da *Dialética Negativa* é a de ir com o conceito até os seus limites na tentativa de apreender conceitualmente o não-idêntico sem, dessa forma, esgotá-lo;²⁶ seu objetivo declarado é “romper, com a força do sujeito, o engodo de uma subjetividade constitutiva”²⁷. O pensamento identitário pode chegar a representar negativamente, através da autor-reflexão sobre sua própria limitação, aquilo que lhe escapa. “O conceito não consegue defender de outro modo a causa daquilo que reprime, a da *mimesis*, senão na medida em que se apropria de algo dessa *mimesis* em seu próprio modo de comportamento, sem se perder nela”²⁸: o momento estético e o elemento de jogo não são, portanto, estranhos ao pensamento – embora também não sejam idênticos a ele. O momento mimético do conhecimento é descrito como “o momento da afinidade eletiva entre aquele que conhece e aquilo que é conhecido”; sem ele, “a possibilidade de o sujeito conhecer o objeto se tornaria pura e simplesmente incompreensível e a racionalidade, solta, irracional”²⁹.

25 HORKHEIMER, 2015, p. 196.

26 SILVA, 2005, p. 337.

27 ADORNO, 2009, p. 8.

28 Ibid, p. 21.

29 Ibid, p. 46.

Na *Teoria Estética*, por outro lado, lemos que “a arte é refúgio do comportamento mimético. Nela, o sujeito expõe-se, em graus mutáveis da sua autonomia, ao seu outro, dele separado e, no entanto, não inteiramente separado.”³⁰ É inerente à arte a dialética entre razão e mimese:

A sobrevivência da mimese, a afinidade não-conceptual do produto subjectivo com o seu outro, com o não-estabelecido, define a arte como uma forma de conhecimento e, sob este aspecto, como também “racional”. Pois aquilo a que responde o comportamento mimético é o *telos* do conhecimento, que ele simultaneamente bloqueia mediante as suas próprias categorias.³¹

No entanto, enquanto magia secularizada, a arte recusa a univocidade e o caráter de conhecimento. Adorno situa a arte em um lugar especial, “entre a regressão à magia literal”, por um lado, e, por outro, a “transferência do impulso mimético para a racionalidade coisificante”.³² A obra de arte é o exemplo máximo da expressão do irracional, do não-idêntico ao qual responde o comportamento mimético, sem se deixar aprisionar e recalcar pela razão instrumental.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Tradução de Artur Mourão. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BENJAMIN, Walter. Le pouvoir d’imitation. in *Oeuvres, part II: poésie et révolution*. Tradução de Maurice de Gandillac. ? ed. Paris: Denoël, 1971, pp. 49-52.

CAILLOIS, Roger. Mimétisme et Psychasthénie légendaire. in *Le mythe et l’homme*. ? ed. Paris: Gallimard, 1987, pp. 86-122.

³⁰ ADORNO, 2008, p. 88.

³¹ Ibid, p. 89.

³² Ibid, p. 90.

EIDELPES, Rosa. Roger Caillois' Biology of Myth and the Myth of Biology. In. *Anthropology & Materialism*, nº 2, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de Mímesis no pensamento de Adorno e de Benjamin. In. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005, pp. 79 – 104.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. 1ª ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2015.

SILVA, Eduardo Soares Neves. Mímesis e forma: a crítica de Habermas a Adorno (e uma resposta). In. Duarte, Rodrigo; Figueiredo, Virgínia; Kangussu, Imaculada (Org.). *Theoria Aesthetica: em comemoração ao centenário de Theodor W. Adorno*. 1ª ed. Porto Alegre: Escritos, 2005, pp. 323-345.